

Lição 3: Por que o mar não aumenta. Rejeição do Tártaro de Platão

154. Aqui o Filósofo levanta outra dúvida, contra a posição de que o mar é o término dos rios. Sobre isso ele faz três coisas:

Primeiro, ele levanta a dúvida que ele diz ser antiga [157]: a saber, por que é que, enquanto rios inumeráveis e de tamanho imenso entram no mar todos os dias, ele não parece crescer e não dá evidência de que uma quantidade tão vasta de água está fluindo para ele?

155. Em segundo lugar [158], ele resolve o problema e diz que, embora não seja inadequado que alguns se perplexem com isso, no entanto, após cuidadosa consideração, não é difícil ver a solução. Assim, se uma quantidade de água é derramada sobre uma certa superfície, e o mesmo volume é derramado em áreas diferentes, então, se o tamanho da superfície não for o mesmo, o tempo necessário para a secagem da água derramada não é igual, mas haverá uma diferença decorrente da diferença da superfície sobre a qual a água é derramada, de modo que às vezes a água permanece e não seca por um dia inteiro, enquanto às vezes seca sob os próprios olhos. Por exemplo, se alguém derramar uma xícara de água sobre uma grande mesa, toda a água secaria de uma vez; mas se a mesma quantidade fosse derramada em algum lugar pequeno, seria preservada por muito tempo. Isto é o que acontece com os rios e o mar: pois a água total proveniente dos rios para o mar é espalhada por uma área da maior latitude, e é imediatamente e imperceptivelmente seca pela contínua evaporação da água, sobre a qual falamos acima.

156. Em terceiro lugar [159], ele exclui uma certa solução falsa para este problema.

Primeiro, ele dá a solução e diz que o que Platão diz sobre o mar e os rios em seu Livro intitulado Fédon não pode ser verdade. Pois ele diz lá que todos os rios e o mar se encontram em uma fonte sob a terra, como se a terra fosse perfurada pelo mar e pelos rios. Esta fonte, que segundo ele é a fonte de todas as águas, é chamada de "Tártaro", um certo corpo vasto de água existente ao redor do centro do mundo: dela, ele diz, vêm todas as águas que não fluem, como o mar e as lagoas, e as águas que fluem, como as fontes e os rios. Ele diz ainda que o Tártaro flui em todas as direções para cada um dos "reumas", i.e., para cada uma das correntes de água. Isso acontece porque aquela fonte de todas as águas está sempre em movimento, pois não tem lugar fixo para repousar, mas está para sempre em movimento ao redor do centro, como que vagando para lá e para cá. Assim, quando está surgindo para cima, produz o "fluxo dos reumas", i.e., a correnteza dos mares e rios, não apenas em direção àquela porção da terra que habitamos; mas de muitas outras partes

da terra, ela derrama outros corpos de águas paradas, semelhantes ao mar que existe entre nós.

Mas todos os mares e rios são trazidos de volta por um certo ciclo àquela fonte de onde emergiram, mas de várias maneiras. Pois alguns retornam ao mesmo lugar de onde fluíram, por uma espécie de movimento reflexo; outros retornam ao longo de uma rota contrária àquela pela qual emergiram, de modo que, por exemplo, se emergiram de baixo, eles fluiriam de volta de cima. Não devemos pensar em "acima" e "abaixo" de modo a pensar que algo poderia estar abaixo em relação ao centro no qual a fonte primordial das águas é postulada: pois da superfície da terra ao centro, há uma descida; mas além disso, se a água continuasse em linha reta, o curso seria para cima — o movimento a partir do centro sendo o mesmo que o movimento para cima.

E de acordo com isso, é fácil atribuir uma causa para as várias cores e sabores da água: porque a água corrente adquire sua cor e sabor do tipo de terra através da qual ela flui.

157. Em segundo lugar [160], ele refuta a posição mencionada com cinco razões.

A primeira é que, como às vezes os rios retornam pelo mesmo caminho e outras vezes por um caminho contrário, segue-se, segundo essa posição, que o fluxo dos rios não é consistentemente na mesma direção. Pois, como eles retornam ao centro de onde fluíram, eles não fluirão "para baixo" mais do que "para cima", se você comparar a superfície da terra ao centro, como sempre se entende. Mas, em relação à superfície da terra, algo está "para cima" e algo "para baixo", dependendo da altura e da profundidade. Se o movimento dos rios é causado pelo transbordamento do Tártaro e esse transbordamento ocorre em todas as direções, segue-se que a água, impelida, por assim dizer, pelo Tártaro, flui indiscriminadamente em todas as direções, assim como o Tártaro, em sua flutuação, vai em todas as direções. Consequentemente, o que se diz no provérbio acontecerá, a saber, um "para cima" dos rios, isto é, rios que são mais altos que suas nascentes ou que fluem morro acima — o que é impossível.

Ele apresenta a segunda razão [161], a saber, que, de acordo com a posição mencionada, vê-se que seria necessário que uma quantidade igual de água fosse sempre preservada — pois ele postula que tanta água quanto flui do Tártaro retorna à fonte. Consequentemente, deve-se excluir inteiramente a geração de água no ar e a elevação da água da terra por vaporização — o que é claramente falso.

Ele apresenta a terceira razão [162], a saber, que todos os rios terminam no mar, exceto aqueles que terminam em outros rios, e nenhum rio termina na terra como se perfurasse a terra e fosse para o Tártaro. Na verdade, se existem rios que entram na concavidade da terra, eles emergem novamente em algum outro local. Consequentemente, não se vê que seja verdade que os rios retornam ao Tártaro.

A quarta razão que ele apresenta [163] é esta: se o curso dos rios é causado pelo que flui do Tártaro, seria necessário que os rios tivessem uma vasta abundância de água desde o início. Mas isso não observamos: entre os rios, os que são encontrados como grandes são aqueles que fluem por um longo curso, pois recebem os fluxos de muitos rios e interceptam seu percurso tanto em relação ao lugar, porque são mais profundos e mais côncavos, quanto em relação à extensão, porque seguem um curso mais longo. É por isso que o Íster, isto é, o Danúbio, e o Nilo são os

maiores rios que desaguam no Mar Mediterrâneo, e sobre suas fontes, diferentes pessoas dizem coisas diferentes, por causa da variedade de rios que neles entram.

Ele apresenta a quinta razão [164], a saber, que, além dos aspectos inaceitáveis já indicados, há também o fato de que se seguiria que o mar tem sua fonte no Tártaro. E isso não é adequado, porque, como foi dito, o mar é visto como o lugar natural da água.

158. Em terceiro lugar [165], ele reúne o que foi dito acima. E diz que o suficiente foi dito sobre o fato de que o lugar que o mar ocupa é o lugar natural da água e não apenas o lugar natural do "mar", isto é, da água salgada. E foi explicado por que o que é potável e doce não aparece no mar, mas aparece na água corrente: o que é salgado se deposita no mar, sendo, por assim dizer, o resíduo da evaporação do que é potável e doce. Além disso, foi dito que o mar é mais o fim do que a fonte das águas: pois, a saber, a água é gerada fora do mar, tanto no ar acima (como foi dito sobre a geração da chuva) quanto no interior da terra (como foi dito sobre a geração das nascentes e rios); no entanto, não importa onde seja gerada, a água flui para o mar, a menos que seja impedida. E assim, a água salgada é semelhante ao resíduo do alimento nos corpos dos animais: pois o resíduo do alimento é salgado e amargo. Isso é verdade para o resíduo de qualquer alimento, mas especialmente do alimento úmido, como no caso da urina, que é mais indigesta e, portanto, mais amarga e salgada, como é evidente.

Revision #2

Created 3 October 2026 23:23:32 by Admin

Updated 4 October 2026 19:03:10 by Admin